

RÁDIO DIFUSORA DE MONTE SIÃO

L. A. GENGHINI

Monte Sião, que atualmente informa e diverte seus ouvintes por intermédio da Rádio Cidade das Malhas, acumula outras experiências na radiodifusão, sendo a primeira pela Rádio Cultura de Monte Sião no início da década dos 60 e a Rádio Difusora de Monte Sião, nos últimos anos da década dos 60 até 1971, quando encerrou as atividades em função de denúncia, aparentemente, política.

Instalada por iniciativa do Frei Pio Maria de Capanema, então pároco da cidade, com objetivos de propagação da fé católica pela transmissão de missas dominicais e alcance

dos lares dos bairros rurais, os horários vagos, a maioria deles, passou a ser explorada sob patrocínios comerciais, ao comando “heroico” de Benedito Virgílio, que transformou a Rádio Difusora em referência na região.

Na época, várias pessoas trabalharam na programação diária, como o Antonio Gottardello – Toninho do Cid, o Tadeu Labegalini – Tchusdão, o Ugo Labegalini – Ulini, o Harlon Santos e a voz inconfundível do Lazaro Domingues com a sua tradicional “A Hora do Lavrador”. Depois vieram o Carlos Monteiro – Carlão da Aponina, com sua voz de trovão, o Raulzito de Itapira, exímio violeiro,

o Toninho Japonês, o Messias, o Rivaldo Céu e a Rosana como operadores de som, e eu, que dividia o tempo entre várias atividades, inclusive na locução de “A Hora do Lavrador” em substituição ao Lázaro Domingues, numa de suas várias intenações ao longo da vida.

Aos domingos, a Rádio Difusora era uma grande festa com seu programa de auditório, atraindo duplas e artistas de toda a região, tanto que foi possível a organização do I Festival Regional de Monte Sião, em 1971, com a consequente gravação de um disco LP pelo selo Brasidisc, atualmente oferecido no Mercado Livre por R\$554,36.

Entretanto, no final de 1971 ou início de 1972, a emissora veio a ser fechada em consequência de denúncia ao Dentel (cidade pequena é assim, o pé direito chuta o calcanhar do pé esquerdo e nada vai muito pra frente).

Voltando ao locutor Lázaro Domingues, que nos deixou em 06 de julho de 2025, aos 83 anos de idade, lembramos que além de um público muito fiel que acompanhava o seu desempenho na rádio, havia, também, sua especialíssima participação como animador do serviço de autofalantes das quermesses e das festas juninas, onde funcionava como disc jockey e correio elegante ele-

trônico, fazendo uma seleção romântico-brega que incluía Caçula e Marinheiro, Belmonte e Amarai, Miltinho Rodrigues, Ramoncito Gomes, Pedro Bento e Zé da Estrada, Moacir Franco, entre outros. Entre uma música e outra o Lazineho anunciava as atrações das barracas, oferecia músicas, lia os correios elegantes e ia noite adentro como se o mundo se resumisse à praça de chão-batido do Largo do Rosário.

Além de seu lado artístico, o Lázaro Domingues foi atendente de farmácia a vida toda e de tanto ler receitas manipular embalagens, consultar bulas e conversar com os pacientes o Lazineho dava show no

balcão, recomendava as melhores ofertas de medicamentos, interpretava as recomendações médicas, orientava no uso e acariciava a alma das pessoas com sua paciência e seu conhecimento adquirido pelo contato diário com seu ofício.

Vai com Deus, Lazineho! Tomara que você encontre por lá o Dito Cutuba, o Harlon, o Toninho do Cid, o Ugo Labegalini, o Ivan Mariano, o Nelson Bressan, o Décio/Claudemir e outros que também já partiram para o andar de cima, ainda “antes do combinado”.

Até qualquer hora, pessoal!

CRÔNICAS DA MINHA GENTE FOLCLORE

IVAN

É lei: a natureza não dá saltos. O Xarope, porém, transgrediu-a, passando de simples ser humano, como todos nós, a folclore, como nenhum de nós, sem antes haver sido história, como ambicionamos a maioria de nós. Vida limpa, portanto, isenta de notícias, referências e citações. Como a uma instituição assistencial, o Xarope foi pintor de paredes que não visava ao lucro. Além de inusitado, o caso é intrigante: de que, então, vivia ele? Vivia, oras.

Vivia satisfeito e ele inteirinho se constituía na mais genuína simpatia, mesmo nas palavras que não conseguia pronunciar ou com sentido inadequado à frase. Assim, quando ouviu o grupo de seresta local (o Xarope curtia e levava jeito para a música), não conteve a emoção: “O Beto na caderneta (clarineta), o Ademir nos abacates(maracas) e o Acácio naquela violinha que não cresceu (cavaquinho) aumentam o dilorido no meu

peito já amargo”. As sobras da sua emoção – ele as tinha em grande estoque – externou nos olhos inundados como corguinhos em dia de chuva braba, auxiliados por dois dedos perfurando e costurando o ar, num vocabulário mudo, suficiente para escrever um romance em branco. Se havia alguma mulher por perto e, sem saber drenar os sentimentos acumulados pela música, ele a chamava de “querida”, fosse quem fosse, com um R profundo, anasalado, a língua se curvando, içando a ponta lá atrás no céu da boca. Era a “querida” mais querida do Magioli onde, se não foi rei, foi o súdito a quem a coroa recorria nos apertos.

Como todo bom filho de Deus, o Xarope também tinha sorte. A prova inconteste deu-se quando se falou em lançar seu nome para a Câmara dos Vereadores. Na hora ele negaceou e, passarinheiro, refugou a oferta por considerar o cargo fora do seu alcance e, também, por desconfiar tratar-se de brincadeira de gosto duvidoso. Foi

ótima sua decisão, pois a limpidez da sua vida poderia ter sido turvada pela escuridão da política. Quem perdeu foi a Câmara, já que poderia ter um nome perpetuado pela figura incomum do vereador e não como aqueles que permanecem através das próprias fotos, fotos que nos obrigam recordar de quem queremos nos esquecer.

O Xarope foi inigualável imitador. Imitava com tal perfeição o Zé Matias ralhando com o Raul que se tinha a impressão ser a voz do Zé, a autêntica, que imitava a do Xarope, a falsa.

Pelo que se sabe ou se desconfia, o Xarope não deixou filhos, mas legou uma porção de órfãos que aprenderam com ele ou viram nele o verdadeiro sentido da pureza.

Mas o senhor que é sagaz, poderá argumentar que o descrito não é lenda e muito menos folclore. Mas, de propósito, deixamos a prova definitiva da folcloridade do Xarope para o final. Atente bem.

Com toda a virginda-

de de pecados, o Xarope, pessoinha do povo, que se embaralhava com as gentes tanto de botecos como de restaurantes (foi o mais gentil dos garçons) e usufruía da mistura com empresários. O Xarope, anjo imaculado, não sucumbiu nem se alterou nesta nossa terra que virou do avesso, onde o velho é estorvo e a criança, entrave; onde a educação é perda de tempo e quem lê é idiota; onde o professor é espezinha-do pelo crime de ganhar pouco e o lucro abusivo é prioridade na vida; onde a religião é defesa dos fracos e meio de comerciar com Deus para adquirir o céu; terra onde voltamos a adorar o bezerro de ouro e os trinta dinheiros foram boa aplicação. Repito, a tudo isso o Xarope resistiu, descuidado, flanando e rindo de nós todos, sem ser atingido, nem mesmo pelo fedor, pulando ileso. Apenas morreu sereno, sem data, pois desconhecia agenda e tempo.

Quero ser um mico de cavalinho, se isso não é folclore

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

O SHORT DO HÉLIO

E quando a trouxa do Ivan e do Hélio chegou Não é que uma peça diferente junto dela estava Um bonito short sem saber quem o endereçou No que a animação do Ivan se extrapolava

Aquela peça bonita e muito cobiçada Era mais cobiçada que o celular hoje em dia Na cor marrom e até com sunga acoplada E como o Ivan ficou contente e com muita alegria

Mas sempre haverá um mais na história Foi quando o Hélio quis ficar de posse da [indumentária No que o amigo Ivan foi categórico com a vitória E o incauto do Hélio sem a nova peça ficou [na miséria

Mas o remorso jamais o Ivan abandonou Quando não deixou o Hélio ficar com aquela peça Por 48 anos o fato lhe acompanhou Até que o amigo aniversariou e ele cumpriu uma [promessa

Foi na loja e lhe comprou um presente Não um short mas uma bonita bermuda [na cor marrom Que era o ‘must’ como uma calça curta [de pegar foguete Coitado do Hélio de repente até mudou a feição

Mesmo assim o pobre do amigo tentou vestir o calção Amigo Ivan a calça curta não serviu E o pesadelo do Ivan voltou com forte emoção Por não ter dado o short que o Hélio pediu

Bermuda lazarenta vou comprar outra novamente E presentear ao amigo Hélio que ficou sentido Vou fuçar muitas lojas até encontrar o presente E dar ele ao meu amigo querido

E assim o Ivan descreveu o caso do short estranho Que veio junto com suas roupas da lavadeira Era um short de pequeno tamanho Que rendeu 48 anos de choradeira

(Lendo a crônica do Ivan Mariano, publicada no Jornal Monte Sião, edição 628, de outubro de 2024).

Arlindo Bellini

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 81

ISMAEL RIELI

Hadie mihi, cras tibi.
Hoje a mim, amanhã a ti.

É uma inscrição que se coloca no frontespício dos cemitérios.

Cras em Latim é amanhã.

Procrastinar é adiar, deixar para amanhã.

Requiescat in pace – descansar em paz é outra inscrição comum em portais de Campos Santos.

X X X

Profissão desaparecida
Vocês se lembram dos biscoiteiros?

Com uma canaleta funda numa espécie de lençol dobrado, no ombro direito, biscoiteiros acomodavam muitos saquinhos de biscoitos doces e salgados. Na mão esquerda traziam a matraca que anunciava sua chegada – a alegria da criança!

Cadê o Joanim de Lindóia com sua cesta cheia de doces deliciosos nos

jogos de domingo à tarde no Campo Amor na Água Quente? Cadê o tabuleiro de Marcula? Cadê os quindins da padaria do Tônico na Rua Direita? E as queijadinhas da padaria da Joanhina na Rua Direita, encostada ao Shirley?

Os sequilhos e os picolés de coco branco ou queimado do Pedro Galbiati, lá em baixo na Rua Direita?

Os doces de ontem eram mais gostosos do que os de hoje ou é a saudade da “aurora da minha vida, da minha infância querida, que os anos não trazem mais?

X X X

Meu avô Baptista Baptista Rielli, ainda solteiro, chegou a Monte Sião no final do século 19. Veio de um pequenino “paese” pendurado numa montanha Italiana, Colle di Caprichia, Careggine, Garfanhana, Província di Luca, Toscana, Itália. Veio, como tantos outros

conterrâneos, para “fazer a América”. A Itália atravessava grande dificuldade, sem perspectiva para a juventude. Os “oriundi” vinham com muita garra, muita vontade de vencer, dispostos a uma nova vida.

Em pouco tempo, graças ao seu denodo, não trouxe muitas liras no bolso – Baptista montou um armazém e prosperou rapidamente.

Em 1907 foi buscar a noiva, a Piccolina Amabile, que, pacientemente o aguardava.

Baptista tinha um metro e oitenta; Amabile não passava de um metro e meio.

Casaram-se na igreja-nha de Capricchia e, de Genova zarparam pra Santos, pra Monte Sião.

Continuou com seu Armazém na Rua Direita, num ponto privilegiado, pertinho da praça, onde depois foi edificada a agência da Caixa de Minas.

Um de seus clientes tinha umas terras na “Água Quente”, um sítio de 33 alqueires que Baptista adquiriu por um preço bem baixo. Naquele tempo as terras valiam pouco.

O casal Baptista – Amabile teve 6 filhos: 4 homens e 2 mulheres. Quatro brasileiros: Pedro (de1808), Tereza, Mário e Beppa nasceram em Monte Sião. Romeu e Dino eram Garfanhinos.

Deixando as propriedades brasileiras sem vende-las: casa e sítio, o casal com 4 filhos voltou pra Colle di Capricchia e ali nasceram mais dois filhos. Pedro, meu pai, o primogênito, com 10 anos iniciara o grupo escolar em Monte Sião e o concluiu em Capricchia, caminhando 2 quilômetros sobre neve espessa. Voltou pra Monte Sião com 18 anos. Tio Mário também voltou um pouco depois. Tereza e Beppa ficaram por lá, onde se casaram, e

nunca mais voltaram pro Brasil, embora guardassem para sempre saudades lembranças de Monte Sião. Tia Tereza gostava de recitar, em português versinhos infantis: “Fui andando prum caminho, encontrei uma coruja, eu pisei no rabo dela, ela me xingou de cara suja”.

Com voz maviosa cantava: cachorrinho está latindo, lá no fundo do quintal. Cala a boca cachorrinho, deixa meu benzinho em entrar.

Pedro, de volta a Monte Sião, trabalhou no Armazém do Raffaello, primo do Baptista.

Casou com Helena do Antônio Gotardello, aquela menininha de 6 anos que ele conhecera quando tinha 10 anos e foi pra Itália. Chamavam-no “o italianinho”. Montou um bar no casarão da Rua Direita, mas não foi bem sucedido. Não tinha muito tino pros negócios.

Intrépida, corajosa, tra-

balhadora incansável, Helena mãe do primeiro filho, decidiu: vamos cuidar do sítio que está abandonado. Mudaram pra Água Quente num casarão sem luz, sem banheiro, sem água encanada. Lá faziam de um tudo: criavam algumas cabeças de gado, tiravam leite, criavam porcos e galinhas, alugavam cavalos e charrete, tinham dois talhões de café, tinham uma pedreira de pedras polícrômicas para revestimento, e depois um caminhão de aluguel, um Chevrolet Boca de Sapo.

Então estourou a 2ª Guerra. Aliada à Alemanha e ao Japão, a Itália formava o eixo e foi o palco de sangrentas batalhas. A Garfanhana estava na Linha Gótica e foi fortemente bombardeada. Bombas plantadas ceifaram vidas de conhecidos e amigos de Baptista que se tornou um neurótico de guerra.

(continua no próximo mês)

O VIAJANTE

PAULO FRANCO

Hermes era um viajante solitário. Se acreditasse em destino, talvez cogitasse a ideia de que ele o havia atraído para aquela cidadezinha. Depois de visitar igrejas, garimpar em lojas e antiquários, andar à esmo e almoçar, continuou sua caminhada e chegou a um pequeno ancoradouro. A rua, que seguia pela margem do rio, fazia jus a uma pausa para ser admirada. De um lado, construções ora góticas com suas torres e pórticos sustentados por colunas, que lembravam bordados, ora barrocas, com suas múltiplas portas e janelas abauladas no alto, algumas com lindos vitrais coloridos. Elas se alternavam em perfeita harmonia, se exibindo a quem por ali passava. A rua, feita de pedras emolduradas por um musgo olivado, se revelavam também como um espetáculo para os olhos e coroadando tudo isso o rio era margeado por salgueiros que se moviam embalados pela brisa leve e quente daqueles últimos dias de primavera. Aqui e ali, pequenas frestas entre os galhos revelavam, na outra margem, incontáveis pés de sândalo com as últimas flores abertas. O movimento dos galhos ao sabor do vento lembrava uma grande cortina de um tecido muito leve balançando suave e espalhando o perfume do sândalo.

Hermes abstraiu o tempo e flanou por aquela rua, como se tivesse mergulhado num quadro. A tarde se foi muito rápida e a noite veio mais rápida ainda, esvanecendo aquela beleza toda e expondo uma atmosfera totalmente antagônica: O embevecimento se foi com o dia.

Uma bruma densa e úmida se espalhou rapidamente e no céu, nuvens escuras e pesadas tomaram conta de tudo. Toda aquela beleza havia se perdido no breu. Um arrepio percorreu-o e a noite parecia pesar sobre todo o seu corpo. O sinistro som de um mocho, acariciado pelas trevas e voando baixo, como uma mancha mais escura que a noite. Um vento mais forte lançava os galhos dos salgueiros, como tentáculos negros, tentando alcançá-lo.

Ele quis sair dali imediatamente, mas caminhou mais lento do que gostaria, porque as poucas luzes que haviam nas ruas e em algumas casas, estavam quase sumidas na bruma, como tímidos lumes de candeeiros ao longe. Ao passar diante de uma janela aberta e iluminada, algo o impeliu a se aproximar. Parou. Num impulso, se apoiou nas pontas dos pés, para ficar na altura da janela e olhou para dentro. O que viu, foi uma cena prosaica: três costureiras trabalhando em conjunto num belo vestido branco. Se não fosse pela cor do vestido, lhe pareceria estar olhando para a pintura de Anna Kirstine Ancher. As três pararam o trabalho ao mesmo tempo e se viraram para ele. Apesar de quase esboçarem um sorriso e o olharem com curiosidade e simpatia, ele sentiu um novo arrepio e tratou de continuar sua caminhada rumo ao hotel onde estava hospedado. Chegando lá, não quis jantar e foi direto para o quarto. As duas faces daquela rua e as três costureiras ficaram na sua cabeça. Demorou para dormir e quando conseguiu, teve um sono agitado, seu corpo se movia de um lado para outro e sonhou com as três costureiras. Mas no seu sonho ou pesadelo, elas eram

as três Parcas e enquanto Cloto acabava de tecer o fio da sua vida, Láquesis já estava medindo a sua extensão e Átropos já vinha para cortá-lo, determinando fim da sua existência. Acordou sobressaltado, suando e tomado de pavor, que não o abandonaria mais. A partir daquela noite ele experimentou o medo da morte e o tomou para si integralmente. Logo que o dia raiou, deixou o hotel e voltou para sua casa. Começava ali o seu penar.

Ele desconfiava de tudo e de todos. Temia ser envenenado e só comia depois de servir ao cão da casa um pouco da sua refeição. Na rua, sempre achava que estava sendo seguido ou que seria assaltado e morto. Dormia pouco com medo de invadirem a casa para matá-lo. Assumira aquele olhar de abutre, esbugalhado, do conto “O coração denunciador” de Poe.

O casarão onde morava, tinha uma grande varanda toda feita de vidro, que avançava sobre o jardim. Vista da rua parecia um grande aquário. E era justamente assim que as pessoas o descreviam quando ele foi rareando as suas saídas, consumido pelo terror: o homem de olhos esbugalhados dentro do aquário. Ele constantemente acordava gritando dos constantes pesadelos, passava os dias espreitando pela sacada de vidro, dispensou funcionários e se transformou num ermitão em sua própria casa, sempre aterrorizado esperando um infortúnio iminente.

As pessoas quase não o viam mais na varanda, só ouviam barulhos estranhos e seus gritos angustiados, até que um dia acordaram e dentro daquela casa e daquele aquário, tudo tinha virado silêncio.

ARIOVALDO GUIRELI

“(…) O que eu quero que façás é que saias pelo mundo, desfrute de tua vida. Eu quero que gozes, cantes, te divirtas e que desfrutes de tudo o que Eu fiz para ti. Para de ir a estes templos lúgubres, obscuros e frios que tu mesmo construístes e que acreditas ser a minha casa. Minha casa está nas montanhas, nos bosques, nos rios, nas praias. Ai é onde eu vivo e expresso o meu amor por ti. Para de me culpar pela tua vida miserável; eu nunca te disse que eras um pecador. Para de ficar lendo supostas escrituras sagradas que nada têm a ver comigo. Se não podes me ler num amanhecer, numa paisagem, no olhar dos teus amigos, nos olhos de teu filhinho...não me encontrarás em nenhum livro... Para de tanto ter medo de mim. Eu não te julgo, nem te critico, nem me irrita, nem me incomoda, nem te castigo. Eu sou puro amor. (...)” – O DEUS DE SPINOZA. Estas palavras são de Baruch Spinoza, filósofo holandês que viveu em pleno século XVII.

Paulo Freire afirmava que somente a educação não pode mudar a sociedade, mas, ao mesmo tempo, nenhuma sociedade mudará sem que a educação desempenhe um papel fundamental. E nessa educação humanitária e libertadora, o diálogo é o elemento principal.

Quando Jesus propôs a partilha do pão e do vinho, o mesmo reafirmava o seu mandamento maior: “amai-vos uns aos outros”. Centrou a sua atividade profética contra a religião ritual do templo e propôs a libertação que não parte de armas e sim uma transformação interior no modo de ser das pessoas das culturas que suscita relações comunitárias de igualdade, comunhão de bens e cuidado recíproco. Ora, a veracidade da eucaristia não consiste apenas na fidelidade material do rito, pois o gesto litúrgico deve corresponder à vida de verdade.

A “unanimidade é burra”, dizia Nelson Rodrigues. A diversidade é a base da democracia. Convém, entretanto, não confundir democracia com panaceia democrática. A

rigor, democracia é o governo do povo pelo povo. A suposta democracia política tromba de frente com a falta de democracia econômica. Portanto, onde impera a democracia capitalista vigora a ditadura dos donos do dinheiro. Os ricos do mundo sabem muito bem que democratizar a economia, o que significa aumentar a renda dos pobres, é decretar a instabilidade de seus luxos e privilégios...

Tudo ditador se enaltece e se reveste de mentiras. Assim sobrevive ameaçando todos. O mundo não está ameaçado pelas pessoas más, e sim por aquelas que permitem a maldade. Os canais televisivos precisam de tragédias para sobreviverem. Não existe o mínimo interesse em formar pessoas cidadãs, mas sim consumistas. O que nos resta? Solidariedade! Está na hora de deixarmos o capital calado e gritarmos ainda mais pelos direitos coletivos.

Fechamos a coluna com a informação de Blaise Pascal “ O prazer dos grandes homens consiste em poder tornar os outros mais felizes”.



Fone:
(35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136
- Centro (Prainha)

Monte Sião - MG
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE
DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

O VEREDITO

MATHEUS ZUCATO

É certo que há dentro de cada um de nós algo que queima, algo que incomoda a luz que faz brilhar a vida, que a obriga a oscilar sem sentido algum, como estivesse perdida de si em si. Há certa incerteza que nos rodeia e nos cobre de paixões pelas quais lutamos por séculos dentro de minutos de furor. É quando a vida decide aparecer para nós que passamos a tratá-la como um outro, e então, como em qualquer relação interpessoal, analisamos aquilo que se encontra estático porém oscilante em nossa frente, nos olhando bem fundo no oco de nossos olhos cegos. Dessa análise surge uma decisão, nunca antes da compreensão de que a figura que defrontamos é a vida, nunca antes de olharmos de volta em seus olhos e decidirmos por conta própria se estendemos a mão para ela ou se lhe damos as costas para não mais ficarmos sob vigília, pois

pior que olhar a vida nos olhos é ser olhado por ela e ser alertado do estado desabitado de nós mesmos.

A decisão, que mais deveria ser chamada veredito, infringe as leis normais da existência comum e nos dá a certeza de que possuímos algo além da própria vida, pois que ela, pura e lancinante, sozinha, não basta para que a ofereçamos a mão e a convidemos para ficar; não, é necessária certa expulsão nossa de nós mesmos para que possamos encarar os olhos da criação e, ao menos uma vez, questionarmos sua veracidade. É nesse ponto que a existência de alguém tem sentido concreto e puro; dolorida, sim, porém natural.

Pois é natural do ser espetar-se com os espinhos de uma rosa e perceber neles a dor, que inclusive é somente sua, pois para os espinhos rubros de sangue, a vida somente segue mais bela, pintada de carmim. Nós é que devemos perceber a dor do espinho, sem a qual eles talvez

nunca existissem e, portanto, nunca teríamos a singela porém admirável experiência da dor de um dedo perfurado.

É quando o sangue escorre que percebemos então o espinho da rosa, as dores da vida, e a existência quase matrimonial de espinho e sangue, que por séculos resiste às evoluções do homem. É da percepção desta existência eterna que se ergue o veredito da mão esticada para a vida personificada diante de si, quando olhamos de volta nos olhos daquela responsável pelo que somos além de um acaso no tempo e no espaço. É desse veredito que entendemos aquilo que arde dentro de nós e que precede o próprio ato de ser. Antes de nosso primeiro susto, de nossa primeira queda, de nosso primeiro amor, antes de tudo o que existiu e existirá, antes de esticar mão suja de sangue para a figura em nossa frente, há sempre o veredito singelo e admirável de se dizer “sim” ou “não”. E todo o resto pode ser decidido depois.

JAIME GOTTARDELLO

“Há gente que cura sem receita, apenas com presença, risada e ternura.”

Doutor sem diploma, mas com saber de sobra. O Lazineho da farmácia do Ney viveu e partiu como um passarinho. Sua presença era uma dessas que, aos poucos, se tornaram parte da paisagem humana da cidade: discreta, constante, afetuosa.

Passou a vida atrás do balcão, misturando pós e simpatias, ouvindo as dores alheias com o mesmo cuidado com que aplicava cada injeção. Figura popular, querido por todos, andava meio torto depois das oito, com o copo numa mão e a risada solta na outra. Bêbado, sim — mas de vida, de histórias, e de uma bondade que não cabia no jaleco surrado. Lazo era desses que a gente lembra com um sorriso e uma

O LAZO

saudade boa no peito.

Dizia-se que conhecia mais ervas do que padre conhece pecados, e mais histórias do que o jardim da praça ouviu em um século inteiro. Não havia quem não tivesse passado por sua farmácia ao menos uma vez na vida — fosse por um corte, uma febre, uma mágoa no peito ou um desamor mal curado. Ele escutava tudo com olhos de quem já tinha visto demais e, ainda assim, não havia perdido a doçura.

À tarde, quando o sol dourava os vidros das prateleiras e fazia a poeira dançar no ar, era comum vê-lo ali, entre frascos rotulados à mão e fotografias antigas coladas na parede. Misturava o pó da raiz com uma pitada de ternura e embrulhava o frasco com papel e silêncio respeitoso. Havia quem dissesse que era meio bruxo, meio santo, mas ele apenas sorria com os olhos baixos e voltava ao trabalho.

Depois das oito, quando fechava as portas da farmácia, abria-se outro Lazineho: o da mesa do bar, dos abraços fáceis e das histórias exageradas. Era nesses momentos que mostrava a alma mais nua — um homem que amava as pessoas como eram, sem julgar, e que carregava nos bolsos mais histórias do que moedas.

O Lazo nunca foi embora de verdade. Está na lembrança dos mais velhos, no jeito com que, até há pouco tempo, ainda diziam: “vá na farmácia do Ney e pede pro Lazo.” Está no riso que brota do nada, como se ele ainda estivesse ali, tropeçando no próprio passo e acertando sempre o coração da gente.

Porque o Lazo não era o Lázaro da Bíblia... era mais. Ressuscitou muitas vezes — na memória de quem o conheceu, nas histórias contadas na calçada e no carinho que deixou plantado em cada esquina da cidade.

“DE VOLTA LÁ DO FUTURO”

DURVAL TAVARES

No episódio anterior... Aqui, a novela continua e lá, na casa do Quexotinho, a novena continuava para que o menino saísse do coma e da cama. Os Tico e Teco, Nilton e Newton, embaralhavam a memória do menino. De repente, fora do hospital com forte dor de cabeça, sentia calafrios ao ver sua Manguá toda desfigurada. Ficou internado por tão pouco tempo, pelo menos em seu pensamento, e mudanças radicais aconteceram. De todo modo, achou muito bom sair do pronto socorro pronto para novas aventuras, diga-se, travessuras. Sentiu-se sozinho fora do ninho (ou “se sentiu”? — melhor estudar as lições do nosso Professor Rieli). Cadê o Zio Niba e o Zoe em sua carroça? Olhou, olhou e não acreditou no que viu. A vida lá fora lhe parecia muito estranha. O menino sempre educado, não se segurou e expressou um tremendo “plim plim” (não escrito em sinal de respeito ao leitor amigo). Tudo tão desigual, tudo anormal. A própria rua já não era mais a de terra batida. As casas tinham sido substituídas por outras de teto elevado, tudo inimaginável para o me-

nino. No lugar das carroças circulavam carros que nada se pareciam com o velho Nash do nono. Nem bem pôs os pés pra fora do hospital, viu-se num hospício. De cara trombou com uma senhora vestida estranhamente, equilibrando-se num sapato com elevados saltos. Algo que só vira no Circo Alegria dos palhaços Arrepia e Simpatia. Manter o equilíbrio naquilo não era para qualquer uma. E as coisas só pioraram quando “ouviu da boca” daquela senhora, cheirosa como rosa, em prosa com sabe quem (não viu ninguém): “Jacira, comprei um novo perfume de gardênia no fri chóp”. Ouvir “fri chóp” foi um choque. O que é isso? Coisa de louco. Nem tanto pelo nome da loja, mas pelo fato de que a senhora falava sozinha. Nem no Charcot ou quiçá, no sanatório de Franco da Rocha, haveria cura para ela. E a nova realidade na vida do menino não parou por aí. Só piorava quando via um punhado de gente (caramba, na sua Manguá só se via tantas pessoas na igreja, nas procissões do padre Anacleto Pietro - O Bom, no circo, ao redor do coreto do Parmirão e, quando muito, nos velórios de alguém bem conhecido, se querido). To-

dos caminhavam com um treco luminoso nas mãos. Olhavam, tocavam e com ele falavam. Cada telinha luminosa o fazia lembrar da televisão preto e branco, marca Bonanza Empire, do Zio Bataglia, na casa de quem a garotada se reunia para assistir desenhos animados e, às vezes, ao seriado Bonanza. Que pessoal maluco era aquele! Até a tal amiga da Jacira já não lhe parecia tão maluca assim. Nos grupinhos, olhos fitados nas próprias mãos, as pessoas não conversavam entre si. Seguiu adiante sem norte e acreditou ter chegado ao local onde um dia existira o rio Tamanduá, do qual escapou da morte por sorte. Não via o leito do rio porque estava todo coberto de concreto. Não viu a ponte do rio que sumiu. Naquele local, agora, passava a avenida Ricardo Coração de Leão (estava assim escrito numa placa fixada num poste). Nesse mesmo poste viu três luzes e parou para observar que, quando acendia a cor verde, carros cruzavam a rua e, no vermelho, quase todos paravam. Assim que pode, cruzou a avenida e seguiu para o outro lado do “ex-rio”. Chegou num certo ponto e avistou aquela que outrora fora a estação

ferroviária de Manguá. Atônito, repetiu pela décima vez o tal “plim” e se perguntou: Cadê os trilhos? Avistou a idosa Maria Fumaça, sua velha conhecida, a quem sempre rendera admirável respeito. Aproximou-se e leu num letreiro: “Museu Ferroviário”. Sua cabeça girou, girou, girou, quase pirou! Como pode ter havido tanta mudança em tão pouco tempo? As casas da cidade, a sua casa, as de seus amigos e parentes, não existiam mais. Sentiu-se perdido e abandonado, sem qualquer parente ou amigo ao seu lado. Resolveu entrar no vagão solitário acochado à inativa locomotiva. Era o seu porto sólido. Lembrou-se daquele velho trem que atravessava o Manguazal, visto do fundo do quintal, de onde seu povo aos passageiros acenava com um sinal de ciao (pequeno plágio do Almir Sater). Ali ficou silente por bom tempo a pensar se um dia voltaria para a sua casa e ficar sob as asas dos seus pais, se nem mais sabia como lá chegar? Restou-lhe lançar um olhar atento sobre os objetos expostos e, à medida que os via, sentia-se em casa, sua volta para aos tempos de criança, àqueles que nunca lhe saíram da lembrança. Es-

taria de volta ao passado tão esperado, na realidade o seu presente? De repente, como se fosse um presente, dele se aproximou um anjo, uma moça toda de branco, sorridente, contente, que disse em voz alta: “Quexotinho, Dr. Nilton assinou sua alta”. Não pensou duas vezes, saiu correndo e, à frente do PS, ao som da banda do coreto, estavam

seus pais, o tios Bataglia, Jandira, Edna e Niba com seu Zoe, além do time de futebol em peso. Seu velho pai, com a Sagatiba, ops!, sua Comitiva Esperança, estavam lá para o acompanhar até o reduto do lar.

Visita il museo della tua città. Fa bene alla salute.

Ciao.

O OUTRO

a casa
que não há
é onde habito

o amor que
me consumiu
me sustenta

fantasmas
me fazem
companhia

ao espelho
sou quem
não é



kuaia

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA

PNEUS

**ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS**

**RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO)**

3465-5463

TRÊS AFORISMOS DE NIETZSCHE

DANILO ZUCATO ROBERT

Friedrich Nietzsche foi um mestre das frases curtas que condensam uma filosofia inteira em poucas palavras. Seus aforismos não são sentenças fechadas, mas convites a se pensar com a coragem de quem não teme ferir-se. Apesar de pessoalmente não concordar com parte de suas ideias, assim como me acontece com Foucault, reconheço a genialidade de seus pensamentos, e dessa forma, após ter aceito a aventura de ler Crepúsculo dos Ídolos, trago três dos primeiros aforismos que mais me marcaram no primeiro capítulo da obra.

1) “Da escola de guerra da vida. — O que não me mata me fortalece.” Talvez sua máxima mais famosa, até clichê nos dias atuais, embora a maioria de quem a recite não saiba seu autor original. Esta frase mostra a confiança de Nietzsche na capacidade humana de transformar dor, fracasso e adversidade em crescimento. A vida, para ele, é um

campo de batalha — cada golpe que não nos destrói pode nos tornar mais resistentes, desde que não sejamos consumidos pelo ressentimento. É um convite a enfrentar as dificuldades como exercícios de força interior, sabendo que a vida é dinâmica, assim como nós mesmos o somos.

2) “Tendo seu ‘por quê?’ da vida, o indivíduo tolera quase todo ‘como?’ (...)” Nesta variação que ecoará nos escritos posteriores de Viktor Frankl, Nietzsche destaca a importância de se ter um sentido, um propósito que dê direção à existência. Quem encontra um ‘por quê’ pessoal é capaz de suportar quase qualquer ‘como’ — ou seja, as condições externas, por mais duras que sejam, se tornam suportáveis quando há uma meta maior que justifique o esforço. Para Nietzsche, suportar a vida é sempre criar um sentido para ela.

3) “Como? Você procura? Gostaria de decuplicar-se, centuplicar-

se? Procura seguidores? — Procure zeros!” Aqui, Nietzsche ironiza a ânsia por reconhecimento e popularidade. Multiplicar-se, ganhar discípulos, ser seguido — tudo isso pode parecer grandeza, mas é vazio se os “seguidores” não tiverem valor próprio. Procurar seguidores é sinal de necessidade de validação social — e, consequentemente, de fraqueza. Quem quer multiplicar-se sem critério só encontrará “zeros”: pessoas sem substância, que apenas ecoam palavras sem compreendê-las. Para ele, a autenticidade não depende de quantidade, mas de qualidade — da independência de espírito que recusa ser mais um na massa.

Estes três aforismos lembram que, para Nietzsche, viver é afirmar a própria força, criar o próprio sentido e não se perder na ilusão da moral preestabelecida e na ânsia de agradar a todos. Como ele mesmo previra, ele era um “homem póstumo”: seus livros e ensinamentos ecoam hoje e continuarão a ecoar no futuro.

J. CARLOS GROSSI

Um dia Ataíde sonhou tão profundamente que nunca mais acordou. Fechou a gaveta com a papelada de fiados e compromissos, olhou vagarosamente as prateleiras, as paredes, recolheu num canto as cadeiras, suspirou bem fundo e saiu pela porta da frente. Não haveria mais de fazer lanches, abrir cervejas e construir espumas. Não ouviria a conversa dos amigos e suas chorosas músicas de amores perdidos. Mesmo sabendo que o tempo, esse senhor absoluto dos esquecimentos, iria lhe consumir tijolo por tijolo, suor por suor a memória daquele templo de solidão e mistério. Em frente ao Clube de Associação, numa tarde de silêncios aquele prédio desapareceu com tudo que havia dentro. Pois é mesmo assim que o esquecimento acontece nas cidades. O progresso é um trator devastador que passa por cima do passado. É assim mesmo como haverá de sempre ser. Passei vezes por lá sempre a convite do Rivaldo e do Paulo Teófilo.

BAR DO ATAÍDE

E lembro que Ariovaldo um dia fez um poema tão lindo que a gente se emocionou ao declamá-lo repetidamente. Esse dia, que era comecinho de maio, Ataíde sonhou profundamente para nunca mais acordar. E fico pensando, em meus suspiros de memória, quão bom deve de ter sido esse so-

nho que ele não quis acordar... *(Nota: os familiares do José Ataíde Moraes nos solicitaram um espaço para agradecerem a todos que de uma maneira ou outra sempre estiveram ao seu lado. Contudo, por ser jornal literário, transformamos o pedido em crônica).*

NOS SONHOS

Às vezes ali me escondo e me acho dentro de mim

Entre a fé e escombros encontro afinal meus confins

Popo de Sião

BENÇÃOS DISFARÇADAS DE PROBLEMAS

LEONARDO LABEGALINI

Naquela manhã fria de inverno, a cafeteria do bairro estava especialmente acolhedora. As luzes amareladas refletiam nas paredes de tijolinhos e o cheiro de café fresco se misturava com o de pão na chapa e canela. Téio chegou enrolado no casaco, sacudindo as mãos para esquentá-las. — Ainda bem que aqui é sempre quentinho — disse ele ao se sentar na mesa onde o Líder Inspirador já o esperava com um sorriso. — O frio nos ensina a valorizar o calor — respondeu o Líder, oferecendo-lhe uma xícara de café. — E isso vale pra vida também. Téio riu. — Já começou filosófico hoje? — Não é filosofia, é prática. Eu queria te contar uma história sobre isso. Sobre como alguns problemas, na verdade, são bênçãos disfarçadas. Téio se interessou imediatamente. Já sabia que dali sairia mais uma boa lição. — Numa das minhas viagens a trabalho, fui parar numa cidade do sul do país, dessas bem frias. Estava exausto, só queria uma cama quente e um bom banho. Mas, ao chegar ao hotel, fui recebido por dois recepcionistas que pareciam estar de mau humor desde o nascimento. — Pior recepção im-

possível. — Pois é. Fiz o check-in e fui direto para o quarto. Mas, ao entrar, parecia que estava entrando num freezer. A cama estava tão gelada que parecia molhada. Liguei o aquecedor, e só saía ar frio. Fui tomar banho, e a água só esquentava mais ou menos. E pra piorar, entrava um vento gelado pela janela do banheiro. — Que sufoco... — comentou Téio, já imaginando a cena. — Chamei o recepcionista, mas ele não conseguiu resolver nada. A situação era simples: eu não ia conseguir dormir ali. Então pedi pra trocar de quarto. A princípio ele resistiu, mas depois cedeu. Fui transferido para um quarto mais novo, quentinho, com mais cobertas, banheiro melhor... dormi bem melhor. No dia seguinte, comentei o ocorrido com a empresa que me contratou e, para minha surpresa, eles me trocaram de hotel. O novo era incrível. Atendimento excelente, estrutura impecável. Foi uma virada total. — Então o problema virou presente. — Exatamente. Mas veja bem: a bênção não chegou porque eu reclamei. Ela chegou porque eu tomei uma atitude. Fiz algo pra resolver. E é isso que pouca gente percebe. Todo problema carrega junto a semente de uma bênção equivalente. Mas essa semente vem escondida. E nós, Téio, não fomos treinados para procurar essa semente — muito menos pra saber que ela

existe. Téio ficou pensativo por alguns segundos. — Faz muito sentido... Quantas vezes a gente se prende ao desconforto, à raiva, e não vê que aquilo pode nos levar a algo melhor. Mas só se a gente agir, né? — Exatamente. Não é sobre aceitar passivamente. É sobre aprender a interpretar. A vida é cheia dessas bênçãos disfarçadas, e muitas vezes a diferença está em como você reage a elas. O Líder deu um gole em sua xícara e concluiu: — O frio me levou a um quarto melhor. E o desconforto daquele hotel me levou a outro ainda melhor. Mas só porque eu não aceitei ficar ali sofrendo. Eu me movi. E o movimento é o que ativa o merecimento. — Acho que agora entendi a mensagem — disse Téio, sorrindo. — Problemas não são castigos. São convites. — Convites para crescer, para agir, para confiar. E principalmente, para encontrar a semente escondida. Porque ela sempre está lá. Basta ter olhos — e atitude — pra procurá-la. Naquela manhã, enquanto o frio seguia firme lá fora, Téio sentia-se estranhamente aquecido por dentro. O problema que estava enfrentando em sua equipe, que parecia tão frustrante, agora ganhava outra luz. Talvez houvesse ali uma semente também, apenas esperando por uma ação. E ele estava pronto para procurá-la.

GAVIÕES URBANOS

VALDO RESENDE

Houve um tempo em que a ilha de São Vicente quase não tinha gente. Nem a serra era recortada por vias de ferro, por trilhas, por estradas de rodagem. Os primeiros habitantes daqui caçavam peixe, ou animais maiores para se defenderem da fome. Dos pássaros, de fato com pouca carne, preferiam as penas para cocares e pulseiras. Gaviões e povos originários viviam em relativa harmonia até que, por volta de 1500, os portugueses trouxeram as galinhas. Ai, gaviões incluíram pintinhos em suas dietas. A relação com os humanos azedou. O bicho gavião não difere muito dos outros. Caça quando tem fome, não estocando absolutamente nada. Defende a si e as crias de predadores, o que os torna temporariamente territorialistas, tomando conta do entorno de seus ninhos quando os filhotes ainda não se viram sozinhos. Seus hábitos são diurnos, quando localizam e caçam suas presas. Já contei em crônica* meu primeiro contato com a espécie, quando viajava de trem de passageiros da Mogiana. Os garçons colocavam nacos de carne espetados em um longo garfo, estendiam a oferta pela janela e o maquinista diminuía a velocidade. O gavião se aproximava, recebia a comida e tomava seu rumo, o trem seguindo viagem. Era lindo. Era poético. Está entre as melhores lembranças de minha infância. Meses atrás ao acordar vi, pela janela da área de serviço, um gavião parado sobre o telhado do vizinho. Imponente, impávido e altaneiro, diria o poeta. Equidistantes dele, formando

um triângulo, três pombinhas inquietas, nervosas, caminhando a passos curtos de um lado para outro. Eu já sabia por observações anteriores que as pombinhas tinham ninhos na cornija do telhado vizinho, no vão de uma chaminé pouco usada. Com a temperatura quase sempre elevada por aqui, certamente é parte inútil da construção. O gavião não atacava as aves menores. Elas se mantinham naquela situação tensa, nervosa. Sem uma liderança que as unisse contra o predador, as pombinhas permaneciam ali, esperando que o altivo atacante iniciasse o movimento. Penso eu que ele queria atacar o ninho, devia haver ovos mais deliciosos que pombas cheias de penas e piolhos. Para se abaixar e tomar posse dos ovos ele abriria guarda para um ataque conjunto das andorinhas. Dizem os observadores que os bem-te-vis fazem isso para defenderem seus ninhos. Sem saber diferenciar pombinhas de bem-te-vis, o gavião permanecia atento, já vítima do meu ódio, com pena dos ovinhos ou filhotes indefesos. A situação não se resolvia, eu não possumo nem mesmo um estilingue para espantar a ave de rapina quando fui distraído pelos sons do celular. Esse mesmo celular que hoje pela manhã trazia a notícia de uma senhora ter sofrido uma bicada de gavião no cocuruto enquanto trafegava por movimentada rua do Embaré, bairro santista. O jornal, tentando um sensacionalismo barato, insinuava ataque à filme de terror, um Hitchcock e seus pássaros assassinos tupiniquins. Nos comentários, um vizinho do local informava haver um ninho em árvore alta, próxima de onde a vítima passava quando

foi atacada. Logo vieram comentários indagando se a moça era palmeirense, vestida de verde e sendo confundida com papagaio ou se, com vestes em preto e branco pudesse ter sido atacada por ser “peixe”, em referência explícita ao Santos FC. Um a zero para o gavião, escreveram. Um dos imperadores entre as outras 300 espécies de pássaros que vivem aqui na cidade de Santos, os gaviões são importantes para o equilíbrio ambiental. Antes de chamarmos a cidade de nossa, a ilha já era deles. Somos nós os invasores. É bem verdade que eles poderiam construir seus ninhos lá na serra, mas aí teriam que voar muito para obter comida que, por aqui, é farta. Vivemos de forma a facilitar o aumento da população de ratos, entre outras pragas. Que os gaviões sigam seu próprio destino que, como o de outro sem número de animais, já foi por demais alterado pela ação humana. Usando a própria força e habilidade em atacar de cima para baixo, que sigam naquela do parente Carcará e continuem no eterno e popular “pega, mata e come” da canção. Nós, humanos, identificando árvores com ninhos, podemos atravessar a rua, ir pelo passeio oposto. É só até os filhotes crescerem! Aos excessivamente assustados com o bichinho sugiro o uso de bonés, chapéus, boinas, perucas e guarda-chuvas, entre outras possibilidades de proteger a cachola. Quanto ao telhado vizinho, anda livre de pombas. Essa batalha o gavião também venceu. *In “O vai e vem da memória” escrevi “O gavião do trem da Mogiana”, publicado pela Elipse, Artes e Afins.

CRÔNICAS

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

ESPELHO, ESPELHO MEU...

Pessoas sábias conhecem os próprios limites e vivem numa busca constante pelo conhecimento. Pois o sábio sabe que nada sabe. O ignorante, ao contrário, pensa que sabe. Mas, pior que a ignorância, é a arrogância. Pessoas arrogantes nunca admitem os próprios erros ou limites. Na verdade, são pessoas fracas que querem parecer fortes. Assumir que errou é sempre um gesto de humildade, uma atitude digna. Na minha modesta visão de mundo, ninguém — absolutamente ninguém — tem certeza

sobre qualquer coisa nesta vida. Tudo são dúvidas e suposições. O conhecimento humano é ainda — apesar de toda evolução — um simples grão de areia no deserto. Uma pessoa precisa ser muito arrogante para dizer “eu já sei tudo” ou “não quero saber o que você pensa”. Lembre-se, você não é Deus, é um simples mortal.

Outra coisa importante: pessoas inteligentes se preocupam com a própria vida, não com a dos outros. As mídias sociais se tornaram um mundo de exposições e focos. A grande maioria vive bisbilhotando o que os outros fazem. Sem contar que muitos gostam de mostrar o que estão fazendo (em grande parte, só bobagens, dancinhas fúteis, opiniões rasas). Cla-

ro, você pode e deve se interessar pelos outros, querer saber o que está acontecendo no mundo, conhecer diferentes pontos de vista. São formas de compreender outras perspectivas. Mas procure não ultrapassar limites. Seja prudente nos comentários. Pessoas sábias sabem o valor do silêncio.

ILUSÃO E MENTIRA

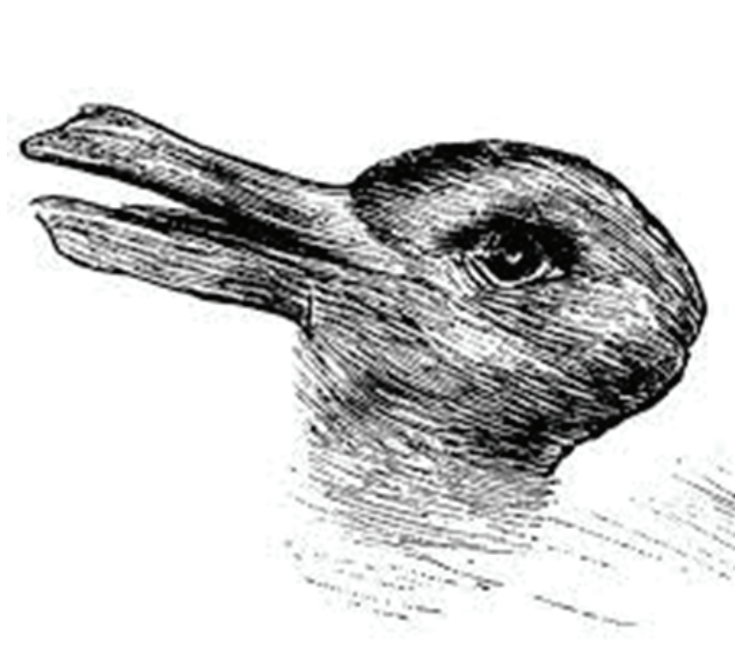
Repare bem na figura — o que você vê: um coelho ou um pelicano?... Ilusão e mentira são duas coisas bem distintas na existência humana. Nietzsche foi um filósofo alemão bastante amargurado que questionou a tudo e a todos. Não por acaso, sentenciou: “viver é sofrer”. Num de seus livros

— a obra Sobre Verdade e Mentira — uma de suas primeiras análises é sobre a ilusão, reconhecendo que vivemos apenas através de ilusões e mal conseguimos arranhar a superfície real das coisas. O mundo é formado de pura aparência. Nosso entendimento sobre tudo é muito subjetivo e pouco profundo. E as pessoas não querem ouvir a verdade porque não querem que suas ilusões sejam destruídas.

Claro, cada um tem o seu jeito de ser e não existe um jeito único ou certo de ser. Mas nosso olhar fica sempre preso ao que vemos, sem buscar um olhar mais profundo sobre a realidade. A mentira deveria ser permitida apenas nos sonhos, mas o homem se deixa enganar e iludir

continuamente. É preciso entender que lutar “por uma verdade” é totalmente diferente de “lutar pela verdade”. Pois o que é a verdade para um, não é para todos. Por isso o consenso é difícil de ser alcançado. Eis uma conclusão amarga de Nietzsche:

“não estou chateado porque você mentiu para mim; estou chateado porque, de agora em diante, não posso mais acreditar em você”. Se você entender os conceitos acima, vai descobrir que a vida “é simples assim”.



MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

TIO ZÉ

ILSON JOÃO MARIANO SILVA

Em se falando nele, melhor descrevê-lo primeiro, aí fica mais fácil entender:- Alto, bem espiado, magrução feito boi alongado; apelido de Pinguela pegaria fácil-fácil no tio, mas cadê que ele dava lado pra essas liberdades? Serião, duro na busca, e por isso suas prosas não vadeavam no desconhecido; só falava do que bem sabia, não era dado a estar proseando abobrinhas e nem de ficar se abrindo à-toa quem mala velha.

Criado nas agruras do guatambu, só mesmo conheceu algum agrado quando se aventurou a negociar, e vivo como era, daí pra frente não teve mais mundo:- ficou esparto de dar rasteira em cobra, ladino no fazer barganhas, liso feito bagre ensaboado na hora de

fechar negócio por pequeno que fosse. Como viveira tempos a roer boca de sino, trabalhando só pra poder comer e não sobrando um só tostão pra fazer cantar um cego, aprendeu desde cedo a economizar e pautou sua vida nesse batidão:- virou mão de samambaia. Fazer o tio gastar algum dinheiro era tão difícil quanto tirar leite de grilo na primeira cria, coisa medonha de difícil!

Embora vivesse a vida toda com esse amor exagerado ao dinheiro, nem mesmo assim ficou rico. Nunca fora ambicioso aos extremos e seus negócios eram feitos às favas contadas, nunca ousou mais do que o bolso permitia; se comprava um boi era porque tinha dinheiro bastante para comprar dois, sempre deixava um tanto de reserva para o caso de ter que aguentar o baque se as coisas não corressem bem. Era gente

boa, amiga e dono de dar conselhos e tentar ensinar o que aprendera por experiência própria:- Olha menino, quem pede abatimento e fica pechinchando é porque tem intenção de pagar. Quem não desdenha é dono de cheque sem fundos!

Agora, negociar com o tio era bicho feio: nesse particular não perdoava amigo ou parente, fosse lá quem fosse. Empatar com ele era considerado coisa rara, vitória grande, dona e digna de comemoração. Levar ferro grosso era o mais comum, e não tinha dessa estória de roer a corda, de comer leite:- tá feito; toma lá dá cá; tchau e bença.

Era manhoso, tinhoso no entabular conversa que pudesse dar em negócio. Rodeava, volteava, blefava, deixava rastro de onça, armava arapuca, ia cozinhando o galo duma tal forma que quando che-

gava a hora da decisão, seus olhos alumiam, adquiriam um brilho de certeza no bote, o qual vinha logo depois:- certoiro, final, fatal de não dar tempo de a vítima dizer amém.

Quando em meio à prosa de negócios lhe era perguntado o preço do animal a fim de partir pros finalmentes, sua argúcia de nambu velhaco conseguia transformar a questão em uma maneira de valorizar a sua mercadoria:- É, preço de boi anda nas alturas!

-Mas quanto o senhor está querendo?

-Boi gordo nessa época, além de caro nem tá se encontrando!

-Veja lá quanto o senhor tá querendo.

-Asturdia, o compadre Chico-Inó vendeu a boiada por uma fortuna!

E nessa tática de guerra fria para engambelar os outros, acabava con-

seguindo convencer o comprador de que seu boi merecia o melhor preço. Quando - depois de muito tourear - resolvia dizer o preço era porque sabia que a vítima chegara à exaustão, estava com a água na capa da sela, entregara a rapadura, e então iria comprar sua mercadoria pelo preço que ele tinha em mente desde o início da novela. Aí sim. Seus olhos adquiriam aquele brilho característico e saía então a resposta final, decisiva e que era aceita sem apelos, porque desse jeito não há tatu que aguento!

Essa maneira de negociar ficou encalacrada em sua mente, virou mania, um vício que não perdeu nem mesmo na velhice quando já não mexia com comprar ou vender coisa alguma. Um dia, a fim de ajeitar documentos, precisávamos saber a idade da tia Júlia - que naquele mo-

mento não se encontrava em casa -; então perguntamos logicamente ao tio Zé, seu marido:- Quantos anos tem a tia?

-Ah, ela é bem mais nova que eu.

-Mas, quantos anos?

-Ela é mais nova que a Zéfa.

-Mas que idade tio?

-Mulher com a idade dela e com aquela conservação é difícil de achar!

Aí então foi que eu vi que seus olhos estavam adquirindo o brilho que eu já conhecia de outros carnavais e, maldosamente puxei o tapete antes que ele:- Tio, eu não quero comprar a tia Júlia, só quero saber a idade dela!

Como acordando d'um sonho bom, ele assustou-se com a realidade e, pra não se dar por vencido, fechou a cara - como quem quer impor respeito - e não me deu resposta.

Custou, mas consegui empatar com ele.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegolini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegolini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegolini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ilson João Mariano Silva (in memorian), Ivan Mariano Silva (in memorian), Jaime Gottardello, José Alcécio Zamuner, José Antonio Andreta (in memorian), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegolini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegolini, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegolini (in memorian), Valdo Resende e Zeza Amaral (in memorian), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

Oi...
...num piscar do tempo mergulhei eventos seus profundos olhos chão céu selva vibrantes convites furtivos esgueiraram-se sensuais envoltos bruma folhas árvores

CASA DAS MASSAS

de Lourdes Labegolini

ACEITAMOS ENCOMENDAS

Pães e Massas Especiais

Panetones e Congelados

Rua J.K. de Oliveira, 1.170

Fone 3465-1368

Monte Sião - MG

ENCONTRO COM LYNX

sem nem nunca lograr o pêssego pele Lynx lá longe altar à base javalis ursos onças veio camaleão veio ipupiara veio boto-cor-de-rosa nublar Lynx sumida espargia seu cio no todo espaço de enfeitiçar qualquer enfeite no céu e na terra daí lutei me esfolei entre raios unhas peles carnes rosnares máximo fôlego nos dentes da unha pin-

gando sangue levantei uma árvore do chão um peixe austral afastei de seu mar estrelado veio caçador do céu escorpião veio Odisseu de Odessa em seu cavalo alado a me ajudar vieram-lhe-a -ela Calipso e Androides Asimov e mais estrofe estrofe estribilho refrão quando ouvia solo denso miaados miaados selvagens pelos ares aéreos...

sim sim espera em tudo só quero nesga tempo nesses inseguros segundos sob seus O-lha-res Ten-tá-cu-los: quicá tato-mãos-braços-afagos-corpo-a-corpo-pele-a -pele-rosto-a-rosto: – da alma; – da alma: de violar ao luar esses insólitos solos. Oh Glória!!...

Oooiii!!!!!!...

dynamise

Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060

(35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulação Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipacao.com.br

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Agosto de 2025

Dia 01	Dia 20
Átyla Canela Bueno	Nilza Labegalini Ferreira
Selma Rodrigues Coelho	Cláudia Faraco Faria
Anderson Labegalini	Marlene Simões Comune
Rodrigo Comune Faria	Dia 21
Dia 02	Matheus Augusto C. de Souza
Fernando da Costa	Josefina de Souza
Aparecida Eliza A Faria	Dia 22
Bruno Forte Gottardello	Vera Lúcia de Castro Zucato
Manoel Cordeiro da Costa	Noêmia Comune
Dia 03	Tatiana Caetano Monteiro
Nemésio Lúcio Fávero	Vilma Gomes da Silva
Adriana A. Lopes Mussi	Eder Faustino Bueno
Isabel Bernardi Guarini	Lucas de Souza Moraes
Dia 04	Dia 23
Érica Aparecida Moraes	Luiz Righete
Dia 05	Marcele de Mello Figueiredo
Renato Jacomassi	Cibeli Labegalini
Dia 06	Adriano Brandão
Carmelina Brischiliari	Gustavo Humberto Monteiro
Labegalini	Regina Esterlina Benatti
Elaine Cristina M. da Costa	Leandro Ap. da Costa
Dia 7	Dia 24
Diély Fernandes Veridiano	Eliezer Labegalini
Dia 08	Carlos Roberto Guarini
Avelino Borges de Queiróz Filho	Ana Paula Corsi
Fabrizio Labegalini	Maria Lucila de Carvalho
Alessandra Pedroso	Helena Maria Vilela Faria
Dia 09	Luiz Marcelo Bassi
Irancieli Souza Ribeiro	Maria Madalena C. Souza
Marco Antonio de Souza	Dia 25
Nelson Alves de Souza	Juliano Righete
Dia 10	André de Paula Martins
Maria Elenice Zucato	Gema Aparecida Grossi
Dia 11	Dia 26
Glória Nilza Cyrne Beltrame	Kárin Tavares Odinino
Edmilson Comune Virgílio	Dia 27
Cláudia A. Almeida Benatti	Josiane de Freitas
Dia 12	Débora Odinino
Alice Pereira Alves	Camila B. Castro Bueno
Dia 13	Mário Francisco Renção
Valtair Augusto (Godinho)	Ruth Comune Bernardi
Mariane Aparecida Cezar	Rafael Guarini
Dia 14	Flávio Evangelista Toledo
Amilton de Godoi Bueno	Dia 28
Felipe C. Pereira Grossi	Túlio Luiz Couto Odinino
Caroline L. Gottardello	Iramaia Camargo Labegalini
Maurício Zucato Júnior	Benedita Sônia Zucato Cétolo
Dia 15	José Carlos P. de Lima
Laila Zancheta Comune	Dorvalina Labegalini Cétolo
Dia 16	Dia 29
Nicole Andressa Canibal	Ary S. A. Mota
Jorge Luiz de Castro Ribeiro	Heloísa Correa Genghini
Dia 17	Adriano Canela
Evilyn Danieli Lino	Inês Pedroso Ortoloni
Mara Cristina Dias Almeida	Dia 30
Gabriel Delgado G. Pepe	Marli Comparim
Benedita Aurora Labegalini	Samuel Almeida Vieira
Maria Adriana de Moraes	Sabrina Tavares Silva
Rita Nancy Bernardi	Cristiano Comparim
Terezinha Comuni Guireli	Maria Helena Vieira
Dia 18	Maria do Carmo Andreta
Marilda A S. D. Fernandes	Dia 31
Maria Donizete de Moraes	Alini Caixeta Vieira Ribeiro
Dia 19	Isabelli Bueno Pennacchi.
Danilo Odinino	
Luciene Lino dos Santos	
Carolina Bernardi Andrade	

A todos, as felicitações da Redação!

FENAT 2025

Pra lá de bom, visitar Monte Sião em época de FENAT. Moda, desfiles, estacionamento gratuito, a prática de preços acessíveis e encontro de amigos: a Rosana Virgílio e família, o Rogério Virgílio, o mestre de cerimônias que herdou o dom do pai Benedito Virgílio, cuidando do som e da narração dos desfiles com modelos estilosos. No centro da cidade estava uma loucura de tanta gente, lanchonetes e restaurantes lotados e com filas, pessoas circulando com pressa ostentando suas compras. Em frente à Matriz, o receptivo turístico a prestar informações. O Museu, depois de uma breve repaginada, encantando os visitantes guiados pela Silvana e, no centro do jardim, o pavilhão lotado com as lanchonetes e um palco de artistas, cantores e conjuntos musicais se revezando para alegrar o ambiente. Diga-se, também, que não faltaram opções de brinquedos para as crianças. Tudo de bom!

VIAGEM AO ANDAR DE CIMA – D. ODETE VOLPINI

Dia 21 de junho de 2025, aos 97 anos de idade, deixa o nosso convívio a Professora ODETE VOLPINI, de saudosa memória. Foi nossa professora no primário, na década dos 60 e diretora do Colégio Comercial Monte Sião entre os anos 60 e 70. Enérgica, objetiva e firme em seus princípios, participou ativamente do desenvolvimento da cidade na segunda metade do Século XX e início do Século XXI. Apesar de suas consideráveis posses, D. Odete viveu vida simples e modesta deixando-nos o exemplo da austeridade. Deixa lembranças e saudades!

VIAGEM AO ANDAR DE CIMA – LÁZARO DOMINGUES DE FARIA

Dia 06/07/2025, aos 83 anos de idade, deixou o nosso convívio o nosso amigo Lázaro Domin-

gues de Faria, carinhosamente chamado pelos amigos de Lazo Goiaba. Lazaro Domingues nos marcou como a voz que animava as quermesses através do serviço de autofalantes ao anunciar as atrações e praticar o tradicional correio elegante musical, onde eram oferecidas músicas a futuras paqueras ou para azucrinar algum amigo. Sem fazer qualquer cerimônia, o Lazinho ia anunciando “e agora, a turma do Jornal Monte Sião oferece ao Lázaro Domingues, desejando-lhe boa viagem e feliz acolhida lá no reino do céu a música de Tonico e Tinoco, Cana Verde!”.

CHÁCARA DA FAMÍLIA MUSSI E A XI GENGHINADA

Alô família Genghini, de nome, de sangue e de alma... Dia 27 de julho foi bom contar com a presença de vocês na XI Genghinada Realizada na Chácara da Família Mussi, a quem agradecemos pela acolhida e pela simpatia. Quem se interessar pelo ambiente pode se pôr em contato com Maria Inês pelo wzapp +55 35 8841-1334. Obrigado, pessoal!

MOACYR FRANCO EM MONTE SIÃO

Ver e ouvir Moacir Franco é como bater um papo com o nonno. Músicas excelentes e histórias melhores ainda. E não é que no dia 11 de julho de 2025 ele deu as caras no pavilhão da praça e nos encantou com mais de uma hora de show espetacular! Vida longa Moacir Franco e venha mais vezes, porque você tem um público fiel em Monte Sião desde o início de sua carreira!

AUTORES DE MONTE SIÃO – EXPOSIÇÃO E PROSA

Depois da conclusão e exposição no Museu e no “Espaço Ivan Mariano Silva” da pesquisa catalogando os autores de Monte Sião, no dia 13 de julho, alguns dos autores se reuniram em tenda específica para prosear com

os passantes, disponibilizando seus livros e exibindo um rico cordel de poesias, a fim de levar nossa literatura ao alcance do público. Como disse Milton Nascimento, o artista tem de ir aonde o povo está!

LIVROS E LEITURAS

A leitura é “O Templo Sagrado – A Floresta, O Cego e o Mestre”, de André Grossi, filho de meus amigos Sônia e Carlos Grossi, o Kuaia, indo em ritmo avançado, todas as manhãs de terças e quintas-feiras em nosso trajeto no metrô paulistano. Só para dar um gostinho aos nossos leitores, o livro trata de uma jornada em busca do autoconhecimento permeada de aventuras, de seres incomuns e de guias espirituais que impõem ao protagonista uma série de desafios para que ele caminhe em busca da superação e do conhecer a si mesmo. Algumas vezes o autor empresta conceitos de religiões, de filosofias orientais e de mitos ligados à natureza. Afinal, a jornada tem que ser difícil para aquecer a leitura. Obrigado, André!

FCPA – FUNDAÇÃO CULTURAL PASCOAL ANDRETA!

No dia 07 de julho, a Diretoria da FCPA Andreta se reuniu em assembleia geral ordinária para avaliar os feitos do período e estabelecer metas, traçar estratégias e planejar as próximas etapas de continuidade de ações rumo à perpetuação da Fundação como um patrimônio da cidade. Parabéns aos diretores, conselheiros e associados. Ao longo do ano a Fundação desenvolve atividades junto às escolas, promove projetos musicais, apoia outras atividades relacionadas à cidade, edita e publica livros de autores de Monte Sião e mantém ativo e sempre renovado o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, cuja visita recomendamos, sinceramente. Tá aí um projeto do qual vale a pena todos os monte-sionenses participarem. Venham e serão bem-vindos!



CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.



Quando tudo surgir.

DANILO ZUCATO ROBERT

Mesmo quando chover com relâmpagos

Mesmo quando tudo der errado

Mesmo quando não houver outro lugar para se esconder

Você vai voltar para casa quando tudo isso acontecer?

Mesmo quando sua razão esconder a verdade

Mesmo quando as lágrimas forem tímidas

Mesmo que pareça que não há ninguém para se confiar

Você vai voltar para casa quando tudo isso acontecer?

Há muito mais coisas no universo para aprender

Há muito mais coisas no mundo para sabermos

E quando a chama do conhecimento se desvanecer

Pegue uma nova página e comece de novo

Mesmo quando o mundo inteiro ficar louco

Mesmo quando não houver lado bom

Mesmo quando a Terceira Guerra Mundial começar

Você vai voltar para casa quando tudo isso acontecer?



ADRIANO - CHARLES - MAURICE

(35) 3465-1635

3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG



Bioquímico: Ferdinando Righetto

● Teste do Pezinho ampliado

● Credenciamento com os Laboratórios:

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)

HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO

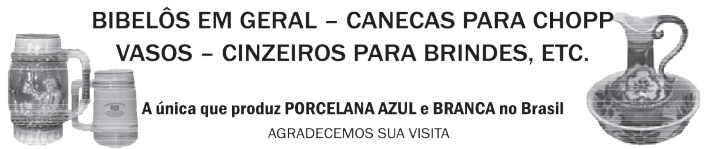
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP

VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil

AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG



Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194

Fone: 3465-1144



A melhor internet do

Circuito das Águas Paulista

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671

Monte Sião: (35) 3465-4963

WhatsApp: (19) 99773-1001



Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,

Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP

Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180